



mei
studies



ENTRE A **AUSÊNCIA DO PAI** E A **CARGA DA MÃE:** UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “**TODOS NÓS CINCO MILHÕES**”

VICTÓRIA ZILMARA ALVES

Mestranda do PPgEM/UFRN

JOSENILDO SOARES BEZERRA

Professor permanente do PPgEM/UFRN

A OBRA




Cartaz: Gabriel Pessoto

A presente pesquisa tem como objetivo elencar os diversos fatores sociais abordados no longa “**Todos Nós Cinco Milhões**”, dirigido por **Alexandre Mortagua** e lançado em 2019.

O filme explora temas de **identidade**, **pertencimento** e a **complexidade das relações humanas** a partir da perspectiva do **acolhimento** (associado à **figura materna**) e o **abandono** (associado à **figura paterna**).


A trama se constrói na exploração dos diversos contextos que refletem a diversidade e os desafios enfrentados por diferentes grupos sociais, partindo de um ponto em comum: a ausência de reconhecimento e participação parental por parte da figura masculina na vida do filho e como a carga em excessos sempre recai nas costas da mulher.



Mesmo com mudanças sociais e culturais constantes em todo o território nacional, **há um problema que não muda: a ausência do nome do pai no registro ainda é desafio no país**, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

No Brasil, entre janeiro de 2016 e julho de 2024, dos 23,1 milhões de nascimentos, pouco mais de 1,2 milhão de crianças foram registradas somente com o nome da mãe. Os dados divulgados no Portal da Transparência do Registro Civil mostram realidade que altera o panorama social das famílias, sobrecarrega mães – emocional e financeiramente – e impõe às crianças grave abandono afetivo.

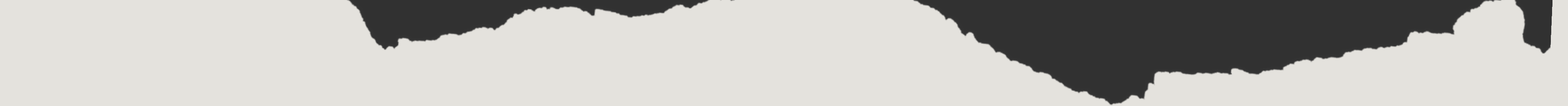
Tais pesquisas – produzidas continuamente – pelo Conselho Nacional de Justiça foram consideradas força-motriz para a execução do documentário analisado na presente pesquisa. O filme explora o dado divulgado pelo CNJ de 2013: **a existência de 5,5 milhões de crianças sem o reconhecimento paterno no Brasil**.



METODOLOGIA


Para a análise proposta neste trabalho, partimos de uma abordagem descritiva com base nos **conceitos** de **práticas sociais** e **estruturas de poder**. Utilizaremos, como referencial teórico, as contribuições de **Teun A. van Dijk (2008)**, no que se refere às **estruturas discursivas associadas ao poder**, e de **Norman Fairclough (2001)**, ao tratar o **discurso como prática social**. Desta forma, a **análise do discurso (AD)** é interpretada como método de produção de sentido.

A partir dessas perspectivas, buscamos compreender como o filme articula narrativas individuais a contextos sociais mais amplos, **revelando** não apenas **experiências** pessoais **de abandono**, mas também os **mecanismos simbólicos e estruturais que sustentam essa realidade no contexto brasileiro**.



Logo, a partir de autoras como **Beauvoir (1980)** e **Butler (2003)**, é possível perceber que **desdobramentos sociais, relacionados tanto ao funcionamento da civilização**, como aponta Beauvoir, **quanto à maternidade, reforçam problemas de gênero que impactam a vida das mulheres em todas as suas dimensões**, tanto pessoais quanto profissionais.

Enquanto isso, a paternidade “*falseada*” normalmente é engolida e apoiada socialmente. O homem, cujo poder é assegurado pelas estruturas de poder, reforça que ele tem o poder sobre sua vida, mesmo que isso afete outras, como no caso das mães de seus filhos abandonados por essa figura, **transformando a palavra “pai” em um sinônimo de ausência e de dor.**



O IMAGINÁRIO SOCIAL ACERCA DA MULHER **VERSUS** A NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS

“ Devido ao fato de as mulheres conviverem cotidianamente com todos os tipos de violência sobre as quais não podem falar, por medo ou por vergonha, nem mesmo sobre a violência aos serviços básicos, é que se percebe o quanto é imposta a “naturalização” desse estado de coisas. Portanto, calar diante da violência vai além do medo, passa pelo sentimento de que nada vai mudar a realidade, passa pela omissão do poder público às demandas da população ”

(Assis, 2008, p. 108).

A partir de tal constatação, também é possível inferir que o abandono também se caracteriza como uma violência em muitos contextos, dentre os possíveis de se mencionar neste ponto em específico: **o abandono paterno que afeta não apenas a mãe da criança, mas também esse fruto que, sem culpa alguma, sofrerá as consequências de tal negligência masculina.**

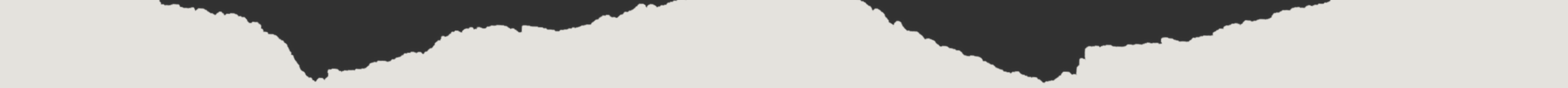
Segundo o CEVS-RS (2017), a **Organização Mundial de Saúde (OMS)** classifica a **negligência e o abandono como formas de violência interpessoal**, considerando-as **atos de omissão que causam dano ou sofrimento à vítima**, mesmo sem agressões físicas diretas.

O SILÊNCIO COMO UM ELEMENTO ATIVO NO DISCURSO

“ Ah, o aborto paterno... Eu odeio essa expressão. não é um aborto, é um abandono de uma criança pronta, é uma criança que vai viver no mundo. [...] Vai ter anos e anos de necessidades físicas, emocionais, psicológicas, que vai ser amparada por uma pessoa que normalmente vai estar física, emocionalmente e psicologicamente completamente extenuada pela quantidade de demanda que é isso ”


(Mortagua, 2019, 15:15).

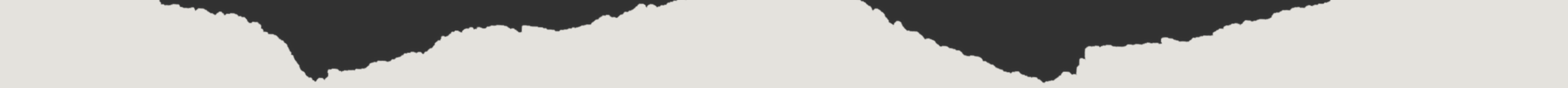
Na seção nomeada de “É um assunto que a gente deixa guardadinho, né...”, o título é fruto de uma fala que foi reproduzida no documentário de Mortagua, e ela – a fala – transborda silêncios que, a partir de tal apontamento, é um elemento ativo no discurso. Com isso, Perrot (2025) aponta que o silêncio feminino é visto como sua “*honra*”. É ser repetitivo falar de desigualdade de gênero em 2025, imagine no século passado, como posto em exemplo pela autora. No entanto, **se faz necessário romper a história de tal ciclo, que, por mais que o tempo passe, algumas características se perpetuam em algum nível em nossa sociedade.**



Se os homens e mulheres são identificados por seu sexo; é correto afirmar que, em particular, as **mulheres são condenadas a ele** (Perrot, 2005, p. 470).


Perrot dá luz ainda à citação de Foucault que garante que “**As relações entre os homens e as mulheres [...] são relações políticas. Só podemos mudar a sociedade mudando estas relações**” (Perrot, 2005, p. 498). Tal obra direciona aos questionamentos sobre a condição e o lugar da mulher na história, e a partir do conhecimento de tal lugar, concluimos **o que mudou e o que ainda falta mudar a partir do discurso de poder que ainda é garantido aos homens.**





A historiadora em questão também traz, em um outro texto, **a perspectiva acerca do aborto**, em 1900, a prática se é utilizada por jovens “**seduzidas e abandonas**”, mas que, para a mulher, ele sai muito caro, às vezes lhe custa até a vida (Perrot, 2003, p.18).

Perrot (2003) relata ainda que, alertado pelos médicos, **o poder público se mobiliza e intensifica a repressão às mulheres** – que origina leis contra a propaganda contraceptiva e também contra a prática do aborto –, não por causa da vontade delas, mas por motivos natalistas, garantindo assim, **mais um silenciamento: o do corpo feminino como instrumento público e mecanismo de poder** (Perrot, 2003, p.18).



Tal questão explora uma vertente pouco explorada até agora neste trabalho, mas muito exposta no documentário de Mortagua: **os riscos e os medos que penetram as mulheres antes do abandono efetivo. O aborto no Brasil é muito visto a partir de uma ótica cristã, mesmo em um estado que se diz laico**, e que, provindo de tal pensamento, é inegável que uma mulher possa fazer o que quiser com o seu corpo – até hoje, visto que, mesmo que garantida a interrupção por abuso de menores, tal debate ainda é feito a fim de impedir o procedimentos em vítimas, em nome da “vida”, **ignorando a existência, desrespeitando o corpo e violentando novamente a vítima, desta vez, psicologicamente.**

Para Marta e Job (2008), a partir da perspectiva da medicina, **o fenômeno do aborto precisa ser compreendido como uma questão de saúde pública e que, isso significa compreendê-lo como um fenômeno de cuidados em saúde coletiva que garante o princípio da igualdade entre os sujeitos.**

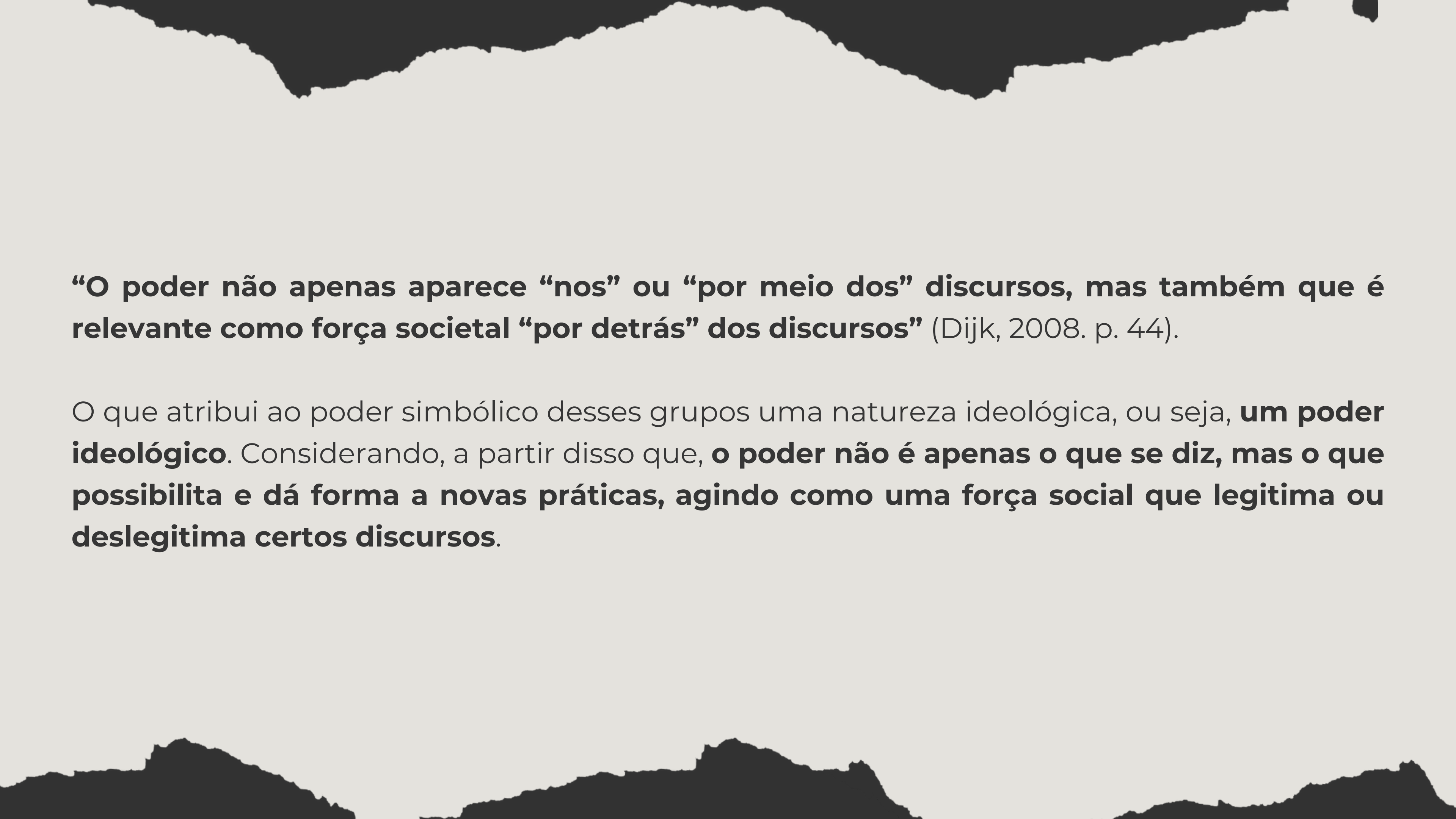
O silêncio da mulher foi produzido nos primórdios, e ainda é um dos grandes desafios sociais cessar tais opressões, pois, **cessar é falar tudo aquilo que muitos não querem ouvir.**

ESTRUTURAS DO PODER

“ O conceito de hegemonia nos auxilia nessa tarefa, fornecendo para o discurso tanto uma matriz — uma forma de analisar a prática social a qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes — como um modelo — uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes ”
(Fairclough, 2001, p. 126).

Conseguimos conferir o **conceito de hegemonia** para falar da **hierarquia global da sociedade emergente**, e para além disso, sobre a luta plena não apenas por cidadania, mas por seus direitos.

Já para Teun A. van Dijk, **é inegável que a linguagem e o discurso influenciam a sociedade, a cultura e, consequentemente, a política**. Em estruturas do discurso e estruturas do poder (Dijk, 2008), **o discurso está intrinsecamente relacionado ao poder social**. Se, para Fairclough, é necessário utilizar o conceito de hegemonia para analisar a **prática discursiva**, Dijk traz também a importância da **ideologia** a partir da **teoria da cognição social**.



“O poder não apenas aparece “nos” ou “por meio dos” discursos, mas também que é relevante como força societal “por detrás” dos discursos” (Dijk, 2008. p. 44).

O que atribui ao poder simbólico desses grupos uma natureza ideológica, ou seja, **um poder ideológico**. Considerando, a partir disso que, **o poder não é apenas o que se diz, mas o que possibilita e dá forma a novas práticas, agindo como uma força social que legitima ou deslegitima certos discursos.**

O PODER DE ESCOLHA EXISTE?

“ A paternidade é sempre vista como uma opção a exercer, e a maternidade é vista como uma função social e caso você seja mãe, tem uma série de restrições sociais e situações que você passa desde as mais simples às mais pesadas por ser mãe ”

(Mortagua, 2019, 14:48)

As mulheres realmente podem escolher seus destinos? O que fazer com seus corpos? Como agir socialmente? Como reagir a efeitos de situações que enfrenta? Podem abdicar de funções que não são suas? Mas que, por negligência masculina, acabam acumulando?

No documentário é reproduzido toda a carga de mães, que, por uma escolha do outro, acabam enfrentando toda a dor de tal processo, que é tão dolorido socialmente e extenuante.

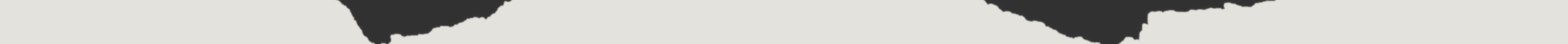
Tal revelação aborda como o peso social é diferente e de como a desigualdade é massacrante, impondo às mulheres, uma sobrecarga física, psicológica e financeira.

NÃO APENAS UM PROBLEMA ESTRUTURAL, TAMBÉM É FINANCEIRO

Relatado no longa como um causador em diversas esferas da vida de cada personagem, o abandono é encarado e explorado nas cenas como a raiz de diversos problemas numa família. Se o psicossocial afeta diretamente o bem-estar e o comportamento humano, também se faz necessário relatar o problema econômico que também assola muitos desses lares.


Em agosto de 2025, foi publicada a decisão da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado sobre um projeto que cria uma política pública voltada à proteção social de mães solas. Para a relatora do projeto de lei, senadora Jussara Lima, **“As mães solo, chefes de famílias monoparentais, enfrentam diversas dificuldades que não podem ser ignoradas”** (Senado, 2025).

Para além de tal tramitação no Senado, a CBN (2024) traz um dado muito relevante sobre o efeito do abandono na economia brasileira e na vida dessas famílias: De **“8,8 milhões de crianças na primeira infância cadastradas no CadÚnico, aproximadamente 3 em 4 eram de famílias chefiadas por mãe solo”** (CBN, 2024).



O número é bastante expressivo e revela que **os efeitos da negligência masculina para com uma criança impactam a qualidade de vida** da criança, sobrecarregando a figura materna e dependendo de rede de apoio e suporte externo, como medidas assistenciais por meio de políticas públicas do governo estadual, federal ou até de ONGs.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas e publicação do Terra (2024), **existem mais de 11 milhões de mães que criam seus filhos sozinhas no Brasil**. De certo que, o problema da ausência paterna não é resolvido a partir de uma política pública voltada a dinheiro – afinal de contas, não se trata de moeda, mas de um direito fundamental que lhe foi retirado: a dignidade humana. Assim, **é necessário compreender que, tal auxílio pode ser determinante para uma vida mais digna para essas mães e filhos de um abandono**.



CONCLUSÃO

É importante pontuar que **é necessário disseminar tais dores em prol de uma maior discussão das relações e desigualdades sociais enfrentadas a partir não apenas do gênero, mas também de um recorte racial e de classe**, quando necessário.

Para além disso, podemos afirmar que o abandono paterno não apenas assola o filho psicologicamente, mas também o coloca em uma posição de vulnerabilidade financeira e psicológica, transformando a figura materna em uma figura única a tentar carregar o mundo com as costas, lidando com a maternidade, assumindo também o papel de pai e mãe de uma só vez. Tal sobrecarga não é saudável e afeta todo o núcleo familiar.

Afinal de contas, as mulheres precisam lidar com as consequências, e socialmente são cobradas por isso. É então seguro concluir que **a sociedade molda as expectativas e normas de gênero que regem a vida social, e com base nisso, pune aqueles que não se adequam ou que não estão no controle do discurso**.

REFERÊNCIAS

- Agência Senado.** (2025, 13 de agosto). CDH aprova sugestão de programa social para mães solo. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/08/13/cdh-aprova-sugestao-de-programa-social-para-maes-solo>
- Baile, F. D'O.** (2019). “Todos Nós Cinco Milhões” [Vídeo]. Youtube. https://youtu.be/rmVJG9_7LQU?si=MNQKpeCBh004uFVt
- Beauvoir, S.** (1980). O segundo sexo. Editora Nova Fronteira.
- CBN.** (2024, 13 de maio). Mães solo de criança na primeira infância são a maioria no CadÚnico. <https://cbn.globo.com/programas/revista-cbn/entrevista/2024/05/13/maes-solo-de-crianca-na-primeira-infancia-sao-a-maioria-no-cadunico.ghtml>
- Dijk, T.** (2008). Discurso e Poder. Editora Contexto.
- Fairclough, N.** (2001). Discurso e mudança social. Editora Universidade de Brasília.
- Marta, G. N., & Job, J. R. P. P.** (2008). Aborto: uma questão de saúde pública. Medicina (Ribeirão Preto), 41(2), 196–199.
- Perrot, M.** (2005). As mulheres ou os silêncios da história (V. Ribeiro, Trad.) [Women or the silences of history]. EDUSC. (Coleção História)



mei
studies



“TODOS NÓS CINCO MILHÕES”

MUITO OBRIGADO

E-MAILS PARA CONTATO:

victoria.alves.116@ufrn.edu.br
soares.bezerra@gmail.com